

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(ORGANIZADORA)

Desafios das
**CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS**
no desenvolvimento da ciência

2



Luciana Pavowski Franco Silvestre
(ORGANIZADORA)

Desafios das
**CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS**
no desenvolvimento da ciência

2



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof.ª Dr.ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof.ª Dr.ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof.ª Dr.ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof.ª Dr.ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.ª Dr.ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof.ª Dr.ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof.ª Dr.ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Dr.ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof.ª Dr.ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Desafios das ciências sociais aplicadas no desenvolvimento da ciência 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Luciana Pavowski Franco Silvestre

Da dos Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D441 Desafios das ciências sociais aplicadas no desenvolvimento da ciência 2 / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0011-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.110222303>

1. Ciências sociais. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco (Organizadora). II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta o Ebook “Desafios das Ciências Sociais Aplicadas no Desenvolvimento da Ciência”. Com um total de trinta e dois artigos organizados em dois volumes que congregam pesquisas relacionadas a cinco temáticas principais.

No volume 1: Políticas Públicas; Política de educação e práticas relacionadas a atuação do serviço social. No volume 2: O mundo do trabalho e geração de renda e Comunicação, tecnologia e inovação.

As pesquisas mostram-se contemporâneas e relevantes diante dos desafios identificados para a vida em sociedade, pautando temáticas como a pandemia, as relações trabalhistas, estratégias de inovação para fortalecimento da cidadania, enfrentamento as situações de pobreza, violência, aspectos territoriais, consumo, comunicação, reformas trabalhistas e previdenciárias.

Para além da importância das temáticas abordadas, o Ebook pauta o desafio da ciência na abordagem de dimensões bastante complexas que exigem rigor teórico e metodológico para a realização de análises do tempo presente, mas além disto, um tempo permeado por turbulências e inquietações que tornam a pesquisa nas Ciências Sociais ainda mais necessária.

As dimensões das pesquisas que compõem os dois volumes do Ebook apresentam correlação entre si, possibilitando um olhar mais integral e contextualizado dos elementos que implicam nos diferentes fenômenos estudados.

Ressaltar este aspecto mostra-se necessário diante dos objetivos do desenvolvimento de pesquisas nas Ciências Sociais, dentre as quais identifica-se o reconhecimento das diferentes características das relações sociais instituídas, desafios e problemas expressos e possibilidades de identificação de estratégias que venham a atender as necessidades existentes. Estes elementos, não de forma linear, mostram-se presentes no desafio e na necessidade de se fazer ciência através das Ciências Sociais.

Desejo uma ótima leitura a todas e a todos, e que estes artigos possam inspirar e contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas e para o desvelamento das diferentes nuances da vida em sociedade.


Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

TENDÊNCIA DO CRESCIMENTO DO VALOR DA PRODUÇÃO ANIMAL NOS ESCRITÓRIOS DE DESENVOLVIMENTO RURAL DO ESTADO DE SÃO PAULO


Paulo André de Oliveira
Sergio Augusto Rodrigues
Carlos Roberto Padovani
Ricardo Ghantous Cervi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1102223031>

CAPÍTULO 2..... 9

O POTENCIAL DE ECONOMIA NO MERCADO LIVRE DE ENERGIA BRASILEIRO PARA DIFERENTES CONSUMIDORES E DISTRIBUIDORAS

Bruno Rodrigues Fernandes Franciscato
Lumila Souza Girioli Camargo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1102223032>

CAPÍTULO 3..... 38

CONSTRUINDO UMA ECONOMIA SOLIDARIA E INCLUSIVA E UMA TRAJETÓRIA CONSTITUTIVA DO BEM VIVER: EMPREENDEDORISMO SOLIDÁRIO E PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES


Tania Cristina Teixeira
Emmanuele Araújo da Silveira
Karen Munhoz de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1102223033>

CAPÍTULO 4..... 59

UMA ADAPTAÇÃO DA TÉCNICA FREINET PARA AVALIAÇÃO DE NOVAS PRÁTICAS DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO


Silvia Grizafis Ferreira
Vilmara Sabim Dechandt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1102223034>

CAPÍTULO 5..... 72

PRECARIEDAD Y PROFESIÓN DEL MERCADO LABORAL DEL TRABAJADOR SOCIAL EN EL ESTADO DE HIDALGO 2005-2012

Carlos Martínez Padilla







 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1102223035>

CAPÍTULO 6..... 88

FLEXIBILIZAÇÃO DA LEGISLAÇÃO TRABALHISTA E DURAÇÃO DE CRISES: UMA ANÁLISE DE PAÍSES SELECIONADOS


Alex Gomes Estevam

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1102223036>

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 7 | 106 |
| PÓS-DEMOCRACIA, REFORMA TRABALHISTA E A LIMITAÇÃO À ATUAÇÃO DO PODER JUDICIÁRIO NO BRASIL: UMA REFLEXÃO CRÍTICA E PONTUAL | |
| Maria Soledade Soares Cruzes | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.1102223037 | |
| CAPÍTULO 8 | 120 |
| PLANO DE NEGÓCIOS COMO INSTRUMENTO FUNDAMENTAL NA SOLIDEZ DO MERCADO | |
| Aline Camargo | |
| Iara Sônia Marchioretto | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.1102223038 | |
| CAPÍTULO 9 | 130 |
| PREFERÊNCIA PELA REMUNERAÇÃO POR DESEMPENHO: ANTECEDENTES E CONSEQUENTE NO CONTEXTO BRASILEIRO | |
| Leonardo Quintas Rocha | |
| Bruno Felix Von Borell de Araujo | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.1102223039 | |
| CAPÍTULO 10 | 153 |
| A PERDA DO DIREITO DE ADOECER: O TRABALHADOR FRENTE AO DESMONTE DA PREVIDÊNCIA SOCIAL | |
| Ana Claudia Caldas Mendonça Semêdo | |
| Tássia Cristina Palma Sampaio Nascimento | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230310 | |
| CAPÍTULO 11 | 162 |
| ACIDENTES, MORTES E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO EM UMA EMPRESA DE ELETRICIDADE: O CASO DOS TRABALHADORES TERCEIRIZADOS DA CEMIG | |
| Igor Silva Figueiredo | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230311 | |
| CAPÍTULO 12 | 173 |
| INOVAÇÃO NO SETOR PÚBLICO E O PAPEL DOS ATORES POLÍTICOS: POLÍTICAS PÚBLICAS PARA ANIMAIS DOMÉSTICOS | |
| Danielle de Araújo Bispo | |
| Hironobu Sano | |
| Elisabete Stradiotto Siqueira | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230312 | |
| CAPÍTULO 13 | 190 |
| RELATO DE EXPERIÊNCIA QUANTO AO PROJETO DE EXTENSÃO: “A REPRESENTAÇÃO FOTOGRÁFICA COMO REFLEXO DO IMAGINÁRIO SOCIAL DOS CENTROS URBANOS” | |
| Maria de Lourdes Vieira Frujeri | |

Patrícia Bárbara Sousa da Silva

Patrícia Albuquerque de Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230313>

CAPÍTULO 14..... 214

TRANSPORTE ALTERNATIVO NO RIO DE JANEIRO: UMA ESTRATÉGIA DE CONTORNAMENTO TERRITORIAL

Leonardo Oliveira Muniz da Silva

Giovani Manso Ávila

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230314>


CAPÍTULO 15..... 226

O IMPACTO GERADO NOS CONSUMIDORES PELA SOBRECARGA DE INFORMAÇÕES NO CONTEXTO ONLINE: UMA CONSTRUÇÃO TEÓRICA

Danieli Hermes Rodrigues

Ana Rita Catelan Callegaro

Rosane Maria Seibert


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230315>

CAPÍTULO 16..... 235

IMPACTO DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS NOS EMPREGOS E O FUTURO DO TRABALHO PÓS ERA COVID

Euriam Barros de Araújo

Zulmara Virginia de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230316>

CAPÍTULO 17..... 246

A INTELIGENCIA ARTIFICIAL COMO AUXILIAR DA EXECUÇÃO DA AUDITORIA E MONITORAMENTO NO PROGRAMA DE COMPLIANCE

Lara Regina Morais Evangelista


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230317>

CAPÍTULO 18..... 256

ESTRATÉGIAS DE DIFUSÃO DA INFORMAÇÃO E DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EJA EM BIBLIOTECAS

Valdirene Pereira da Conceição

Maurício José Morais Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230318>

CAPÍTULO 19..... 262

ESTUDO EXPLORATÓRIO-DESCRIPTIVO ACERCA DA PROPRIEDADE INTELECTUAL E INOVAÇÃO NO AMBIENTE DE TRABALHO SOB A ÓTICA DE PERITOS OFICIAIS DE NATUREZA CRIMINAL

Epaminondas Gonzaga Lima Neto

Ana Karla de Souza Abud

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11022230319>

| | |
|----------------------------------|------------|
| SOBRE A ORGANIZADORA..... | 275 |
| ÍNDICE REMISSIVO..... | 276 |

RELATO DE EXPERIÊNCIA QUANTO AO PROJETO DE EXTENSÃO: “A REPRESENTAÇÃO FOTOGRÁFICA COMO REFLEXO DO IMAGINÁRIO SOCIAL DOS CENTROS URBANOS”

Data de aceite: 01/03/2022

Maria de Lourdes Vieira Frujeri

Universidade de Brasília

Patrícia Bárbara Sousa da Silva

Instituto Federal de Brasília, Tecnologia em
Eventos

Patrícia Albuquerque de Lima

Instituto Federal de Brasília, Tecnologia em
Eventos

RESUMO: A finalidade dos Projetos de Extensão é promover a cidadania, percebendo que ensino, pesquisa e extensões são atividades indissociáveis. Conjuntas produzem ações colaborativas para o desenvolvimento cidadão e profissional do estudante e trazem transformações da realidade no processo ensino-aprendizagem. Metodologias ativas têm sido utilizadas para tornar o aluno um agente multicultural para causas coletivas no meio em que vive. Dentre as metodologias ativas a fotografia tem despontado como auxiliar das ciências em seu esforço para melhor apreensão da realidade. O ato de fotografar e a experiência com a imagem fotográfica pode ser diferenciada, pois clama pelo olhar, solicita que os olhos nela permaneçam, por testemunhar, ser traço do real. O objetivo deste estudo foi relatar a experiência dos alunos quanto ao Projeto de Extensão: “A representação fotográfica como reflexo do imaginário social dos centros urbanos.” A coleta da experiência vivida quanto ao projeto se deu

por meio de uma entrevista estruturada gravada. Fez-se transcrição dos relatos e suas análises à luz da literatura pregressa. Verificou-se mudança no olhar dos alunos quanto o imaginário social dos centros urbanos.

PALAVRAS-CHAVE: Relato de experiência, Fotografia, Imaginário social, Centros urbanos, Olhar fotográfico.

EXPERIENCE REPORT REGARDING THE EXTENSION PROJECT: “THE PHOTOGRAPHIC REPRESENTATION AS A REFLECTION OF THE SOCIAL IMAGINARY OF URBAN CENTERS”

ABSTRACT: The purpose of the Extension Projects is to promote citizenship, realizing that teaching, research and extension are inseparable activities. Together they produce collaborative actions for the citizen and professional development of the student and bring changes to reality in the teaching-learning process. Active methodologies have been used to make the student a multicultural agent for collective causes in the environment in which they live. Among the active methodologies, photography has emerged as an aid to science in its effort to better grasp reality. The act of photographing and the experience with the photographic image can be differentiated, as it calls for the look, asks that the eyes remain in it, for witnessing, to be a trace of reality. The aim of this study was to report the students' experience regarding the Extension Project: “The photographic representation as a reflection of the social imaginary of urban centers.” The experience of the project was collected through a structured recorded interview.

The reports and their analyzes were transcribed in the light of previous literature. There was a change in the view of students regarding the social imaginary of urban centers.

KEYWORDS: Experience report, Photography, Social imagination, Urban centers, Photographic look.

1 | INTRODUÇÃO

O discente, em seu processo educativo, busca interferir na realidade através de métodos que cooperam para superação dos problemas comunitários e sociais. O principal objetivo dos projetos, programas e atividades de Extensão é promover a cidadania, percebendo que ensino, pesquisa e extensão são atividades indissociáveis e, quando conjuntas produzem ações que podem colaborar para o desenvolvimento cidadão e profissional do estudante e traz melhoria e transformação da realidade no processo ensino-aprendizagem. A extensão universitária possibilita a formação do profissional cidadão e se credencia, cada vez mais, junto à sociedade como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes. É imprescindível para a democratização, assim como para o redimensionamento da função social da própria universidade (MENDONÇA e SILVA, 2002). Uma das principais funções sociais da Universidade é a de contribuir na busca de soluções para os graves problemas sociais da população, formulando políticas públicas participativas e libertadoras. A extensão é o instrumento necessário para que o produto Universidade – a pesquisa e o ensino – esteja articulado entre si e possa ser levado o mais próximo possível das aplicações úteis na sociedade. A universidade deve estar presente na formação do cidadão, dentro e fora de seus muros. Através da extensão, influência e também é influenciada pela comunidade, ou seja, possibilita uma troca de valores entre a universidade e o meio. A universidade pode, assim, planejar e executar as atividades de extensão respeitando e não violando os valores e cultura dessas comunidades. As vantagens são grandes para os alunos, pois passam a conhecer a realidade da comunidade em que a universidade está inserida, facilita a integração ensino-pesquisa-extensão e possibilita a comunidade universitária conhecer a problemática nacional e atuar na busca de soluções plausíveis, dentre outras saídas (SOUSA, 2000; ZAMORA, 2004).

Várias metodologias ativas têm sido utilizadas para tornar o aluno um agente multicultural, atento para causas coletivas, atuante e transformador no meio em que vive. Dentre as novas metodologias ativas a fotografia tem despontado como auxiliar das ciências em seu esforço para uma melhor apreensão da realidade. O ato de fotografar e a experiência com a imagem fotográfica pode ser diferenciada, pois clama pelo olhar humano, solicita que os olhos do homem nela permaneçam, por testemunhar, por ser traço do real. Traduz-se numa experiência de tempo diferenciada, que se aprofunda como num interstício, uma vez que presente e passado se amalgamam. A fotografia redefine

a realidade, o cotidiano. Olhar, ver e pensar são ações intrínsecas e historicamente inseparáveis. Como metodologia ativa pode suscitar de sua representação fotográfica imaginários diversos, inclusive o social (CARTIER-BRESSON, 2004). O objeto fotográfico pertence a um conjunto de processos, em que a ciência, técnica e arte estão imbricados na criação de um mundo de possibilidades no domínio da imagem. Paralisa uma fração mínima do tempo e altera a percepção do movimento no ato da produção. Tendo como premissa que a fotografia é um instrumento de representação social, e a partir dela podemos interpretar o passado. Kossoy (2003) afirmou: “As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das ideias e da consequente formação e manipulação da opinião pública”. Assim, pode-se considerar que a partir de uma realidade em que o fotógrafo capta a imagem, cria-se uma representação. O ato fotográfico é o fruto de um corte, tanto no campo visual (espaço), quanto na duração (tempo), constituindo-se em um fragmento separado e embalsamado do mundo para a posteridade (MONTEIRO, 2004).

O autor da fotografia, coloca àquele que observa a imagem do passado como um gerador de novas percepções acerca do tema retratado. Desse modo, o historiador que utiliza imagens para realizar uma construção histórica deve ter em mente que o presente e sua situação física e social permitem que ele faça um jogo de olhares. Olhando os outros é possível construir uma identidade própria, uma percepção de mundo que acaba por construir parâmetros de uma sociedade inteira que quebra fronteiras. A fotografia pode ser encarada como uma forma de linguagem visual, pois “é uma manifestação imagética e, portanto, capaz de gerar múltiplas leituras; consequentemente, múltiplos sentidos. Portanto, atribui-se à fotografia o potencial da comunicação e desenvolvimento de discurso, mesmo que em um nível diferente da linguagem verbal” (KAWAKAMI e VEIGA, 2012). Dentre os vários cortes, ou recortes feitos pelo fotógrafo, a cidade tem se destacado há um longo tempo, como um tema de importância em várias disciplinas como comunicação social, arquitetura, urbanismo, sociologia, etc. Os centros urbanos, muito antes da fotografia, conquistou espaços nas universidades como fonte de pesquisa, motivando diferentes áreas e olhares estudantis (CARVALHO et. al. , 1994).

Dentro deste contexto nasce o projeto de extensão: “A representação fotográfica como reflexo do imaginário social dos centros urbanos.”, onde seu autor é motivado pelo seu olhar atento do cotidiano da Rodoviária do Plano Piloto de Brasília, DF, Brasil. Este lugar é conhecido no Distrito Federal, Brasil, por sua localização estratégica, como ponto de encontro e cruzamento entre eixos da cidade e também com as regiões administrativas satélites. Por sua história é conhecido como o centro de Brasília, como um bolsão cultural e espaço democrático de trabalhadores das mais diversas classes sociais. Neste local passam mais de 150.000 pessoas por dia. Tais características foram fundamentais para sua escolha. Foi vislumbrado como um ponto marcante, capaz de possibilitar aos participantes do projeto a compreensão do meio urbano, da representação fotográfica, como reflexo do

imaginário social tão forte nos centros urbanos. O objetivo do presente estudo foi relatar a experiência dos alunos quanto ao Projeto de Extensão supracitado. A metodologia utilizada para coletar a experiência vivida pelos alunos se deu por meio de uma entrevista estruturada gravada, transcrição dos relatos e sua análise à luz da literatura progressa.

2 | REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Fotografia e Olhar fotográfico

No início da fotografia, o objetivo dos adeptos deste ofício, era de fixar imagens obtidas através da câmera obscura. A palavra “fotografia” deriva das palavras gregas *photós* (luz) e *graphía* (escrita), significando “escrita da luz” ou “desenhar com luz”. A luz desenha a sombra da mesma forma que grava o fotograma. A fotografia a princípio causou estranhamento e surpresa. As imagens eram perfeitamente familiares, traziam uma fidelidade com o real e uma riqueza de detalhes jamais vista nas pinturas renascentistas e que dificilmente as mãos de um pintor alcançariam. Se os pintores renascentistas e barrocos investiam em uma perspectiva realista, jamais pensaram na pintura como uma transposição direta do mundo concreto para a tela. A fotografia, devido a sua relação direta com o real, encantou um grande número de pessoas e provocou a ira e a desconfiança de vários críticos e artistas. Segundo Entler (2007), quando a fotografia surgiu no século XIX, conquistou rapidamente a atenção e a simpatia de muitos, mas teve de enfrentar duras críticas vindas de artistas que não reconheciam seu caráter estético. Por si só a fotografia, recoloca com clareza seu papel. Ela é um instrumento, um servidor da memória, simples testemunho do que foi. O papel da fotografia seria, portanto, o de conservar o traço do passado ou o de auxiliar as ciências em seu esforço para uma melhor apreensão da realidade (BENJAMIN, 1986; RAMOS, 2009; ROUILLÉ, 2009).

Desde as primeiras décadas de sua existência a fotografia já mostrava o seu imenso potencial de uso. A produção fotográfica de unidades avulsas, de álbuns ou de coletâneas impressas foi ganhando um perfil multifacetado. Abrangia um espectro ilimitado de atividades, especialmente urbanas, e que davam a medida da capacidade da fotografia em documentar eventos de natureza social ou individual; em instrumentalizar as áreas científicas, carentes de meios de acesso, fenômenos fora do alcance direto dos sentidos, áreas administrativas ávidas por otimizar funções organizativas e coercitivas, ou ainda em possibilitar a reprodução e divulgação maciça de qualquer tipologia de objetos.

A relação da imagem fotográfica com seu referente, ou com o real, no transcorrer dos tempos, desde o início da fotografia aos dias atuais, pode ser lida sob três aspectos: como espelho do real (onde há semelhança entre a imagem fotográfica e o real); como transformação do real (que modifica o capturado por meio de cortes, cores e enquadramentos, possibilitando assim uma transformação da realidade) e como índice (quando o retorno ao referente é eminente, ou seja, o referente adere) – (RAMALHO e OLIVEIRA e

BECHTOLD, 2015). Segundo Dubois (1999), “A foto em primeiro lugar é índice. Só depois pode tornar-se parecida e adquire sentido”. É notável que na fotografia a necessidade de ver para crer é satisfeita. A imagem fotográfica é percebida como uma espécie de prova e atesta individualmente a existência daquilo que mostra. O advento da fotografia e o desenvolvimento dos meios fotográficos permitiram vislumbrar uma nova relação da imagem fotográfica com o real, a lógica do índice. Por muito tempo essa fonte foi utilizada meramente para ilustrar a documentação escrita, no entanto hoje ela tem um papel fundamental, como fonte primária, na construção histórica. A fotografia, a partir do momento de sua popularização, se tornou mecanismo primordial no processo de modernidade (BRASIL, 2011).

O primeiro olhar é sempre sobre o objeto fotográfico, o artefato, o simulacro, a imagem fotográfica e a história da fotografia. A fotografia redefine a realidade. Olhar, ver e pensar são ações intrínsecas e historicamente inseparáveis. A memória é o olhar da vida, e o esquecimento é a opacidade, a morte. Pela máquina fotográfica, o olhar molda a vida e a forma de compreender e expressar o mundo. Ela tem força de reproduzir a realidade temporal, os fatos. Como arte, como documento ou fonte histórica, a fotografia é sempre produto do encontro entre o olhar humano e o aparato técnico. Tem como objetivo um retrato fiel de parcela do real carregada de valores e subjetividade (KOSSOY, 1980; CIAVATTA, 2002; COUTINHO e OLIVEIRA, 2016).

Historicamente as imagens fotográficas têm um repertório variado. Registrou-se de tudo: coleções, retrato, estrada de ferro, arquitetura, carnaval, automóvel, etc., mas é nítido que o olhar fotográfico incidiu acentuadamente sobre o espaço urbano. Várias podem ser as razões que concorreram para um número tão elevado de registro e olhar cotidiano sobre as cidades. A produção de retratos foi, tradicionalmente, o “ganha-pão” dos estúdios fotográficos. As qualidades mundanas e comerciais do retrato o deixaram de fora das experimentações dos fotógrafos, que, quando interessados em ingressar no meio considerado artístico, tratavam de procurar na paisagem urbana, ou mesmo rural, a devida fonte de inspiração. A intensa transformação que as cidades conhecem e, simultaneamente, a prática de documentá-las por meio da fotografia para fins políticos ou administrativos certamente concorreram para a geração de arquivos fotográficos sobre a temática urbana (CARVALHO et al., 1994). De acordo com Brasil (2011), as novas concepções do indivíduo, do tempo e espaço onde ele atua, as maneiras de representação foram se modificando e os mecanismos técnicos foram se aprimorando para enfim captar a imagem “perfeita” deste indivíduo em constante mutação. Desse modo, a invenção da fotografia se deu no momento de florescimento das grandes cidades, da diversificação da economia no Ocidente e das mudanças de valores pessoais e de coletividade que ocorreram no século XIX. Assim, é possível pensar em um elo entre a imagem fotográfica (ágil, rápida e estereotipada) e o momento que os países ocidentais (principalmente europeus) estavam passando. A modernidade da fotografia e a legitimidade de suas funções documentais apoiaram-se nas

ligações estreitas que ela mantém com os mais emblemáticos fenômenos da sociedade industrial: o crescimento das metrópoles e o desenvolvimento da economia monetária; a industrialização; as grandes mudanças nos conceitos de espaço e de tempo e a revolução das comunicações; mas, também, a democracia (ROUILLÉ, 2009).

O imaginário social dos centros urbanos é composto por diferentes e instigantes atores sociais, que constituem uma memória social que de alguma forma faz e perpetuará uma cultura, uma memória social. Neste imaginário fala-se de duas realidades na composição de uma fotografia. A primeira delas seria a “realidade exterior” que compõe o passado da foto. Em um dado momento e local, pessoas se prontificaram para a realização da imagem que nos chega. Esta realidade exterior é impossível de reconstituir, não há maneiras de se chegar a ela. A segunda seria a “realidade interior”, aqui se trata do assunto representado. O tempo e o espaço nos remetem a uma dada realidade (exterior). Os caracteres que em conjunto simbolizam algo e acabam mexendo com a nossa memória são características desta segunda realidade que utiliza o imaginário como meio de locomoção, por menos palpável que seja, tem a capacidade de, se não reconstituir, construir sentimentos e percepções acerca da imagem que nos é projetada (KOSSOY, 2009; STECNELA, 2009; BRASIL, 2011).

2.2 Sobre o Projeto: “A representação fotográfica como reflexo do imaginário social dos centros urbanos”

O projeto nasceu da expectativa do autor, estudante do curso de Tecnologia em Eventos, já fotógrafo profissional, com experiência em cobertura de eventos de fazer um link das duas formações. Para o autor do projeto, fotografia faz parte das tecnologias de eventos. Desta forma achou altamente importante criar este Projeto de extensão. Vislumbrou a Rodoviária de Brasília como um lugar plural para as oficinas práticas para a percepção dos alunos participantes do projeto, perceberem o reflexo do imaginário social dos centros urbanos, pois este lugar é multifacetado, uma verdadeira “movimentação urbana”.

A Plataforma da Rodoviária do Plano Piloto, Distrito Federal, Brasil, foi prevista por Lúcio Costa no projeto de Brasília, como o ponto de encontro entre o eixo residencial e o monumental, que conectaria as diversas atividades condizentes com um centro urbano. Este Marco zero da Nova Capital, ponto de cruzamento entre os eixos Rodoviário (Norte-Sul) e Monumental (Leste-Oeste), determinam o traçado do Plano Piloto de Brasília. Foi pensada para ser a união da metrópole, da capital com as cidades-satélites, como uma área rica em convergência (TENÓRIO, 2012). Por sua localização, sua história é reconhecida como ponto central de Brasília, como um bolsão cultural, um espaço democrático de trabalhadores das mais diversas classes sociais.

De acordo com o autor do projeto, o projeto teve como justificativa conhecer a história de uma cidade, por meio da fotografia, em um local onde circulam centenas de pessoas diariamente, cidadãos que possuem histórias de vida e culturas das mais

variadas, poderia oportunizar para os discentes envolvidos no projeto uma visão de mundo e o reconhecimento em outras histórias das suas próprias histórias de vida. Além disso, também poderia valorizar e divulgar a cultura do Distrito Federal entre a comunidade acadêmica. Tais justificativas se tornam coerentes com uma das finalidades dos projetos de extensão de estabelecer elos entre a universidade e a comunidade local.

O projeto foi previsto para ter duração de um ano. Estabelecer como público-alvo, os usuários da Rodoviária do Plano Piloto, DF, Brasília, Brasil. Foi aberto aos alunos dos cursos técnicos e tecnólogos do Campus Brasília, do Instituto Federal de Brasília (IFB). Foi coordenado por duas professoras titulares desta instituição, que conjuntamente com o autor do projeto vislumbraram a oportunidade dos alunos, ao realizarem visitas à Rodoviária ter a chance de conhecer pessoas, de se aproximarem da realidade destes diferentes personagens da sociedade, registrar suas histórias por meio da fotografia. Desta forma, desenvolver nos discentes do projeto a autoconfiança, a capacidade de enfrentar os desafios da convivência, superar limites próprios e conhecer uma forma de linguagem artística e olhar cotidiano sobre as causas sociais. O objetivo geral do projeto foi utilizar a fotografia como forma de registro da história e memória social das pessoas que frequentam a Rodoviária do Plano Piloto. Teve como objetivos específicos possibilitar aos alunos compreender melhor as formas de representação do imaginário coletivo sobre o meio urbano, divulgar expressões culturais representativas deste local, contribuir para a formação técnica em relação à fotografia e como realizar eventos de exposição do trabalho realizado (Mostra Fotográfica). O projeto contou com a participação de vinte alunos, dos quais treze participaram de todas as etapas do projeto. A evasão dos sete membros se deu por conclusão do curso na instituição, trabalho e dificuldades em conciliar com suas novas atividades.

O projeto foi desenvolvido por meio de reuniões semanais no Instituto Federal de Brasília com a equipe do projeto, visando o monitoramento das tarefas. Foram realizadas quatro oficinas práticas de técnicas fotográficas. Foram feitas duas visitas à Rodoviária do Plano Piloto para análise do local. Elaborou-se o termo de permissão para divulgação das fotos e registro fotográfico. Foram realizadas as tomadas de registros das fotos do cenário da Rodoviária, seguida da seleção das imagens para a exposição fotográfica. Enfim, foi realizado a vernissage e avaliação do projeto.

3 | METODOLOGIA

O estudo foi conduzido para uma amostra de treze estudantes, integrantes do Projeto de Extensão: **“A representação fotográfica como reflexo do imaginário social nos centros urbanos” do Instituto Federal de Brasília (IFB) - Brasília, DF, Brasil**”. Todos os alunos foram convidados a participarem da pesquisa mediante de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Consentimento negativo foi adotado, sem

qualquer prejuízo para o integrante do projeto. Participaram do estudo os estudantes que preencheram os seguintes critérios de inclusão: ter participado de todas as fases do projeto (reuniões, oficinas de fotografia, visita técnica ao local escolhido para análise do cotidiano, momentos fotográficos, seleção/interpretação das imagens, realização da mostra fotográfica e avaliação final do projeto). Os critérios de exclusão adotados foram os seguintes: foram excluídos os estudantes que não quiseram participar das entrevistas com vistas ao relato de experiência quanto ao projeto.

O desenvolvimento do presente trabalho constituiu de uma entrevista estruturada, com o intuito de verificar o que representou esta vivência para seus integrantes. Se houve alguma mudança em seu olhar fotográfico desencadeado pelo projeto. A entrevista estruturada foi conduzida pela autora do presente artigo. Foi dividida em dois blocos de perguntas. O primeiro buscou traçar o perfil dos participantes (idade, sexo, escolaridade, curso frequentado, se era ou não fotógrafo, experiência pregressa em fotografia), preenchido pelo próprio aluno. O segundo bloco da entrevista foi composta por oito perguntas com relação ao projeto propriamente dito. Estas perguntas serviram de roteiro para conduzir a entrevista e gravação dos vídeos. Todos os áudios foram transcritos literalmente para a avaliação e discussão dos dados. Nomes fictícios foram criados por todos os alunos e serão utilizados neste estudo, preservando o sigilo dos sujeitos arrolados na pesquisa. Foi feita uma planilha no Excel para tabular os dados e facilitar a análise.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Perfil da amostra

Treze discentes foram convidados a participarem do estudo por apresentarem os quesitos dos critérios de inclusão do estudo. Deste total, onze (84,6% da amostra) aceitaram participar do estudo e fizeram sua adesão mediante TCLE.

A faixa etária dos participantes variou entre 18 a 33 anos (dois alunos com 18 anos, dois com 19 anos, três com 20 anos, dois com vinte um anos, um com vinte dois e um com 33 anos). Quanto ao curso de origem, sete alunos cursavam o Curso técnico de eventos e quatro cursavam o Curso superior (destes: três cursavam Tecnologia em Eventos e Um cursava Licenciatura em Dança).

Na amostra somente uma pessoa era fotógrafo profissional, quatro se apresentaram como fotógrafos amadores e cinco relataram não serem fotógrafos.

Quanto a experiências anteriores com projetos envolvendo fotografia, sete alunos (63,6%) afirmaram nunca terem vivenciado qualquer experiência neste contexto.

4.2 Transcrições e análise da entrevista estruturada

Nas análises das entrevistas transcritas observou-se na primeira pergunta “**Como você ficou sabendo do projeto?**” que os alunos ficaram sabendo do projeto de diferentes

formas. Segue abaixo a transcrição de suas respostas:

Anastácia: “Eu fiquei sabendo através do autor do projeto ... ele foi passando de sala em sala um ano atrás informando ... gente! eu quero fazer o projeto ... eu sou fotógrafo quero fazer um projeto de fotografia, quero saber quem quer participar ... aí através dele que eu fiquei sabendo, assim fiquei interessada. Por que não? ... né?.. fui atrás ...”

Solange: “Eu fiquei sabendo através de uma amiga minha, do meu curso, da mesma sala que eu .. é no IFB, de Brasília, Campus Brasília... eu estudo no técnico em evento.”

Maria Eduarda: “Pelo autor do projeto, ele passou em sala e ele me chamou no Conecta do ano passado, para poder participar deste projeto, ... da fotografia”.

Lua: “Eu fiquei sabendo através de uma aluna, ela me contou que estava participando do projeto e eu me interessei...”

Filósofo Vitorioso: “Foi no final do ano passado ... eu ainda estava no curso técnico em eventos ... aí a turma estava muito dividida, porque tinha duas propostas de projetos, uma para valer nota ... do ‘Casamento sustentável’ que não me identifiquei muito e a outra proposta era o da fotografia ‘A representação fotográfica como reflexo do imaginário social nos centros urbanos’ do Instituto Federal de Brasília (IFB) - Brasília, DF, Brasil.’... ai! ... eu adoro o nome deste projeto. Também adorei o nome que escolhemos para nosso grupo ... ‘COLETIVO FORA DO FOCO’ (disse o aluno animado) ... quando escolhemos este nome, ... foi quase que um debate... cada um sugeriu um nome, muitos colegas fugiram do padrão, do foco do grupo ... aí chegamos à uma conclusão ... que o foco era dar foco às pessoas que não tem foco ... entende? Ou seja, algo fora do foco. Estabelecemos um paralelo com o reflexo do imaginário, ... não faz parte do interesse das grandes mídias retratar o campo social, o trivial, o cotidiano... e era isso que o grupo queria focar... compreendeu? Focar algo que está fora do foco e dar visibilidade a este aspecto. Pronto! (disse o aluno animado) achamos o nome do grupo: ‘COLETIVO FORA DO FOCO’! Prontos para congelar o tempo! (e deu um sorriso). Legal demais, né? Voltando à sua pergunta, ... aí dentro da turma surgiu estes dois projetos ... aí eu conversei com os autores dos dois projetos.. aí eu optei pelo de fotografia. O outro projeto foi exigido como avaliação e a turma do coletivo... (Fora do Foco) foi fotografar o casamento. Foi meu primeiro trabalho com fotografia. Fiquei injuriado por ter que fotografar o casamento. E ... por ser no final do ano pensei que pouca gente ia voltar.

Antônia: “Através da professora, que comentou sobre o projeto na sala, ... e eu estava tendo aula com ela, de segurança, aí ela comentou sobre o projeto na sala de aula.”

Sofia: “Eu fiquei sabendo através do autor do projeto semestre passado, ... no ano passado, eu fiz um mini curso de fotografia com ele estava participando também, logo após ele me perguntou ... me chamou e falou desse projeto que ele estava desenvolvendo, aqui na faculdade e no curso, ... era um projeto que ele ia retratar o cotidiano da rodoviária. Eu me interessei e comecei a fazer parte do projeto.”

Aquarela: “Então... eu conheci o projeto através da professora Patrícia... que foi ela que estava em sala de aula... ela dava aula para nós no primeiro semestre do técnico e ela

mencionou sobre o projeto e eu e mais algumas pessoas interessamos e corremos atrás de tentar entrar e conseguimos. Foi assim...”

Valentina: “Através dos alunos da turma de Tecnologia em Eventos.”

William: “Pelos próprios alunos da minha sala de aula do curso técnico em eventos.”

João: “Eu construí o projeto, ... com a professora com quem comentei da minha vontade de criá-lo. Agora ela está em Portugal... foi fazer um Doutorado. Percebi que o curso de eventos tem tudo a ver com fotografia. O público não tem muitos cursos de fotografia. Vi que podia juntar as coisas. Já trabalhava cobrindo eventos com fotografia... para documentários desses eventos. Ví que este link tinha tudo a ver. Daí vi o edital e me interessei vislumbrando a Rodoviária... A rodoviária é o lugar mais plural de Brasília, que representa Brasília

Observou-se que, a maioria dos alunos, ficou sabendo sobre o projeto de extensão, por meio de seus colegas de classe. Alguns relataram que foi mediante ao convite do autor do projeto e outros por meio do comentário da professora coordenadora do projeto ao se referir ao mesmo.

Em relação à segunda pergunta, “**Com qual expectativa você entrou no projeto – A representação fotográfica, como reflexo do imaginário social dos centros urbanos-IFB, Brasília, DF, Brasil**”.

Anastácia: “Pra aprender, porque eu sempre gosto de aprender coisas novas ... e quando ele falou sobre fotografia eu pensei ... eu nunca ... nunca assim... entrei a fundo nisso e parece uma coisa legal pra praticar. Fui pra aprender mais ... pra isso mesmo.”

Solange: “Expectativa de aprender mais, né? ... ter um olhar mais crítico porque experiência é sempre bom em fotografia, ... porque o que vai na fotografia é o teu olhar quanto mais você treina, mais você vai saber tirar uma boa foto.”

Maria Eduarda: “Pra’ aprender. Eu não sabia o que era cotidiano. O João foi me ensinando a fotografar. Também não sabia e foi por isso eu entrei.”

Lua: “Primeiramente, eu entrei no projeto ‘pra’ aprender a tirar foto ... e também pra aprender o cotidiano da rodoviária. Eu não sou daqui de Brasília e daí eu não conhecia muita coisa ... e eu queria saber como era.”

Filósofo Vitorioso: “Entre com expectativa.. foi baixa, mas eu não gosto de criar muita expectativa. Foi nula... é foi nula”.

Antônia: “A minha expectativa era de conhecer as técnicas é de saber como é esse olhar pra poder fotografar.”

Sofia: “Bom, é isso... é uma coisa bem pessoal minha ... eu não gosto de criar tanta expectativa encima de alguma coisa, porque acaba sendo muito decepcionante, um pouco, apesar de que foi uma experiência muito boa e proveitosa estar esse tempo aqui com vocês, que são de outro curso diferente do meu. Faço licenciatura em dança e vocês são todos de eventos e foi uma grande troca, muito bom.”

Aquarela: “Então... de aprender a tirar fotos melhor ... que eu sempre tirei algumas

fotos de brincadeira, mas nada que eu pudesse falar: Nossa! Que lindo! (risos)... Que maravilhoso! (risos novamente) ... então foi nessa expectativa... e na expectativa também... que quando a professora mencionou, que o projeto seria na Rodoviária, eu pensei assim... em alguma muito melhor, num olhar diferente, eu quis entrar nessa, foi mais ou menos isso.”

Valentina: *“Acrescentar conhecimentos fotográficos, participar das oficinas e poder olhar com olhos diferentes algo cotidiano”.*

William: *Pelas oficinas. De aprender tirar fotografia. Já pensava em fazer um curso de fotografia, ... daí com a expectativa de aprender sobre fotografia.”*

João: *A expectativa era tentar trazer a Rodoviária, ... acho que é a coisa mais plural que tem em Brasília, o que mais representa Brasília é a Rodoviária mesmo, ... tem gente de todos os cantos do Brasil e até do mundo também ... todo lugar, tem um lugar que o representa ... por exemplo, Belém tem o ‘Ver-o-Peso’, o Rio de Janeiro tem o ‘Maracanã e o Carnaval’, agora o que mais representa Brasília é a Rodoviária mesmo ...*

Ficou evidenciado ao observar os relatos, que grande parte dos alunos, citou como expectativa para entrada no projeto, aprender a tirar fotografia. Ficou nítido que as oficinas práticas realizadas no projeto, viabilizando o aprendizado de como manusear a máquina fotográfica com técnica, foi um grande estímulo para os alunos aderirem ao projeto. Isto pode estar em consonância com os achados de De Souza et. al. (2011) que verificaram em seu estudo, que o uso do recurso didático de oficinas práticas, foi um chamariz e contribuiu de forma decisiva com o envolvimento e para que a equipe de trabalho e do projeto de extensão alcançasse seus objetivos. Os autores afirmaram que isto ocorre porque, desde o princípio, os participantes do projeto se sentem estimulados pelo fato de que estão participando efetivamente da construção de seu conhecimento, de sua especificidade.

Foi observado também que alguns alunos entraram com a expectativa de ganhar um melhor olhar fotográfico, aprender a focar, bem como conhecer sobre o cotidiano. Alguns disseram que gostariam de aprender sobre este olhar diferente. Neste aspecto faz-se pertinente colocar os enunciados de Ramalho e Oliveira (2015), “A fotografia é uma das mais “puras” e “sinceras” formas de expressão, e a partir dela podemos crescer e expandir nossos horizontes para vidas, paisagens, objetos e momentos que ficarão para sempre como uma galeria em nossas mentes e propiciarão articulação com outros saberes. A fotografia nas mais diversas relações intertextuais da ordem da sinestesia, podem ser adotados em processos educacionais, não exclusivamente no campo do ensino de arte, mas em todas as disciplinas do currículo escolar.”

Ao considerar a expectativa do autor do projeto, que captou com seu olhar mais apurado de fotógrafo profissional, o Espaço “Plural” da Rodoviária; é interessante refletir sobre a pluralidade também da fotografia. Ramalho e Oliveira (2015), preferiu que é preciso estar atento aos inúmeros tipos diferentes de fotografia que temos hoje em dia. De acordo ele, com o avanço da tecnologia digital, tanto no que se refere às próprias lentes e câmeras,

como ao modo de editar fotos e de disponibilizar o seu trabalho, tudo contribui para que esta linguagem visual esteja cada vez mais acessível. Tendo em vista que somos todos indivíduos que pensamos e agimos de maneiras diferentes, e que o mundo inteiro pode ver as coisas pelos olhos de um fotógrafo, a tomadas fotográficas diversas e as sinestésias que proporciona parecem uma ferramenta relevante para o contexto educacional. Podem desencadear novos olhares sobre o cotidiano, sobre o imaginário de cada ser humano.

Ao serem abordados com a pergunta **“Como você imaginava o cotidiano da Rodoviária do Plano Piloto antes do Projeto de Extensão?”**, as colocações foram variadas. Seus dizeres seguem abaixo:

Anastácia: *“Então... como eu sempre andei na Rodoviária, eu sou cotidiana... então quando ele falou: vamos para a Rodoviária? ... para mim foi um Espaço tranquilo, eu já conhecia aquele barco... então eu pensei! Então eu vou me filmar, eu vou me fotografar, eu faço parte daquilo, ... então não foi uma coisa assim: Ai, meu Deus! Eu já conheço aquilo, já tenho aquela participação. Vai ser muito simples, tranquilo, comum para mim. Um local bagunçado, cheio de pessoas normais como eu, também tem ali malocas, drogados, loucos, espertalhões. Este local de passagem para ir a algum lugar, pegar o ônibus ou metrô, eu conheço bem.”*

Solange: *“Eu já sabia mais ou menos, porque eu ando muito na Rodoviária, então eu sempre reparei no que acontecia ... já tinha um ponto de vista sobre a Rodoviária. Uma visão de um local cheio de desigualdades sociais. Um local cheio de pessoas diferentes. Via ali ações negativas da fiscalização impedindo pessoas com trabalho informais trabalharem, venderem suas coisas. Já vi muito coisa ruim na Rodoviária.”*

Maria Eduarda: *“Achava que o local era ruim, que tinha só bandidos, drogados, pessoas ruins.”*

Lua: *“Imaginava que fosse cheia de pessoas ... movimentada, mas não cultivei muitas expectativas.”*

Filósofo Vitorioso: *“Entrei com uma expectativa nula, mas isso foi bom... Antes quando ia dar um ‘rolê’ lá no centro da cidade, a rodoviária era só um lugar de passagem, de comer um pastel, de pegar o ônibus. Passava... quando precisava ficar um pouco sozinho, pensar, ... ia lá para o museu, espelho d’água... e só passava lá para pegar o ônibus.”*

Antônia: *“Eu passo muito pela Rodoviária e nunca parava para ver o que estava acontecendo de verdade. Seguia apressada. Era apenas, um passar por ali.”*

Sofia: *“Para mim, a Rodoviária era apenas um local de transição.”*

Aquarela: *“Então... eu sempre passei na Rodoviária, ... eu ficava observando as pessoas, toda vez que ia pegar ônibus... eu parava e ficava observando as pessoas, aquele vai e volta toda vez,... ficava reparando o cotidiano do local ... uma coisa muito bagunçada, mas também muito bonita de se vê ... um olhar diferente, eu olhava para lá e observava os detalhes e eu sempre gostei muuuito disso, e...e ... eu antes ficava pegando carro*

normalmente carro. De uns tempos para cá comecei a andar de ônibus novamente. Então eu gostava de ir para a Rodoviária exatamente para observar e ver algo que no dia a dia não se vê... e...e... é isso.

Valentina: “Eu vou a Rodoviária todos os dias. E, antes do projeto, via como um local comum. Como um caminho que tinha que passar.”

William: “Via com um olhar comum, onde as pessoas passavam para pegar ônibus, metrô. Um local com muita movimentação, mas bem simples.”

João: “Via o cotidiano com muita vida, mas pouca expectativa. Todo mundo passa muito rápido, para pegar ônibus e o metrô, para ir trabalhar. Via também como um lugar plural, cheio de esperança... Alguém que vai ali para bater uma foto para arrumar um documento, porque foi chamado para um emprego num Ministério e precisa tirar um Xerox; outros que trabalham ali mesmo e vive este cotidiano; outro que vai encontrar a namorada no ponto de ônibus, outro que vem e vai não sei para onde e porquê, ...outro que odeia aquilo ali, porque toda vez que passa ali, vê a AGEFIS arrojando alguém ... outro que veio e ficou nas drogas,... sem perspectiva nenhuma. Isso.”

Ao ponderar as colocações dos participantes do projeto sobre o seu olhar em relação à Rodoviária antes do projeto, foi possível verificar certa banalização do local, como um lugar comum, simples, de transição, de passagem, pela maioria dos alunos. Possivelmente, os olhares singulares dos alunos, que faziam o uso deste caminho em seus itinerários rotineiros, se acomodaram a ver a Rodoviária desta forma corriqueira. Estes achados corroboram com os dizeres dos autores Pais (2003) e Stecnela (2009) que disseram em seus estudos que “O que se passa no cotidiano é rotina, regularidade, normatividade e repetitividade.” e que “Ao significado de cotidiano é possível associar a ideia de presente, daquilo que acontece todos os dias e que implica rotina de repetição de ritualidades. A rotina pode viciar o olhar das pessoas.

Por outro lado foi possível verificar que alguns alunos observaram a Rodoviária de modo diferente antes do projeto, como um local plural, cheio de vida, de desigualdades sociais. Analisar o olhar multicultural destes alunos e a inquietação do autor Gardiner (2000), que aponta para o risco de reduzir-se a vida cotidiana e os sentidos que a partir dela se constroem a “um conjunto relativamente homogêneo e indiferenciado de atitudes, práticas e estruturas cognitivas” se faz relevante. E aqui se faz importante questionar: O que faz com que os olhares das pessoas sobre o cotidiano sejam tão diferenciados? Nesta mesma linha de pensamento de Gardiner (2000), afirma que o cotidiano tem uma história e que essa história tem uma íntima relação com a modernidade. Por esse caminho, propõe que se desenvolva um conhecimento crítico da vida cotidiana. Isso inclui reconhecer a dimensão ideológica do senso comum e os efeitos das assimetrias nas formas de percepção da realidade. As pessoas têm olhares diferentes ou podem ser direcionadas a ver de modo distinto.

Dando sequência as análises das entrevistas, ao serem estimulados a falar “**Como**

ficou seu olhar sobre o cotidiano da Rodoviária após o projeto de extensão?” foi perceptível a mudança de olhar dos participantes do projeto. Segue as transcrições literais dos vídeos:

Anastácia: *“Mudou em um sentido... a questão dos moradores de rua, porque antes, quando eu ia para a Rodoviária e pegava àquelas filas enormes, eles passavam e eu falava: Gente! Tá pedindo dinheiro para comprar droga, para comprar bebida; e depois que eu fui conversar com com “aquelas famílias, meses atrás, que eu julgava loucas, drogadas, bêbadas,... agora eu percebo que não era o que eu pensava, julgava ... elas só não têm dinheiro para sustentar uma casa, não tem emprego, mas a maioria delas não tem contato com esta vida: então ... mudou em mim mesma, o meu olhar em relação a essas pessoas. Hoje, eu as vejo, eu falo: ela é uma mãe, ele é um pai, ela é uma criança dessa mãe, ela é uma avó. Eu não falo mais ... eles são drogados. Para mim eles são uma família e isso mudou para mim. É importante para mim esta mudança. Mudou neste aspecto.”*

Solange: *“Meu olhar ficou mais clínico ainda, olhando os erros e desigualdades gritantes do lugar. Vejo ali muito descaso dos governantes com o povo em geral. Eu já tinha esta visão, como falei, de olhar e saber o que estava acontecendo. Tem muita gente ali, muita desigualdade social, tem muita coisa ruim que acontece lá ... igual ... eles pegam os vendedores, que eu não acho isto certo, ... que as pessoas estão comprando as coisas e vendendo. Não estão roubando, não estão fazendo nada de errado.. Então, ... eu passei a ver mais ainda, este lado. Desta desigualdade social mesmo.”*

Maria Eduarda: *“Foi ... agora para mim é completamente diferente com relação às pessoas. Eu não penso como pensava delas antes... Agora vejo como famílias que estão lá lutando por suas sobrevivências, para satisfazer suas necessidade, trabalhando para sustentar suas famílias, suas vidas.”*

Lua: *“Depois do projeto percebi que a Rodoviária é um local de grande diversidade de pessoas. São pessoas muito diferentes e... e... agregou muito. Mudou o meu olhar sobre o cotidiano deste local.”*

Filósofo Vitorioso: *“Depois do projeto me surpreendi com este local e com tudo que vivi dentro dele. Hoje, vejo este lugar como um ambiente de lazer, cheio de diversidade, muitos artistas, um local quase completo de imaginário. Faltam algumas coisas na sua estrutura física para ficar completo”.*

Antônia: *“Tirar um momento para fotografar aquele local desenvolveu em mim a atenção. Saí desta experiência com um olhar mais apurado para os diferentes personagens da vida. Cada um tão diferente, mas ao mesmo tempo tão parecido. Todos buscando suas sobrevivências. Todos com uma história própria, mas seres humanos. Estou processando tudo isto ainda... agora estou na fila e já me pego observando, atenta a algo... sempre tem alguma coisa que me faz pensar diferente... entende?”*

Sofia: *“Para mim ‘o local de transição’ de antes do projeto, virou uma transição de vida. Ver histórias de pessoas que passam, trabalham, ... que são despercebidas,*

transeuntes, conhecidas e, desconhecidas ao mesmo tempo... mudou a mim mesma. Meu olhar ficou detalhista, inquieto, profundo, aguçado". É um lugar que é tão de desvalorizado e milhares de pessoa passam ali, tão despercebido, mas ao mesmo tempo tão comum, é uma coisa, ... comum e complicado, as pessoas são desconhecidas e conhecidas indo e vindo ao mesmo tempo. Mudou os detalhes."

Aquarela: *Não mudou muito, pois sempre reparei nos detalhes quando passava por lá, mas acrescentou bastante na questão de olhar para as pessoas com compaixão... que a gente viu histórias incríveis ali na Rodoviária, de ter uma outra visão, assim, de... de... perceber... eu sempre falava para as pessoas que eu vejo a Rodoviária como um mundo, que lá tem de tudo, e com este projeto eu percebi que a Rodoviária é o 'coração de Brasília', onde pulsam diferentes clamores... que todo mundo em algum momento passa por ali ... então, é uma coisa ... é incrível ... é muito bonito."*

Valentina: *"Vendo as mesmas coisas, mas o olhar se tornou mais atento, criativo, encantador... Multifocal".*

William: *"Meu olhar ficou mais atento aos gestos, a um olhar, a algum acontecimento, aos detalhes... 'hum'..."*

João: *"Fiquei mais encantado ainda, pensando que depois do projeto é preciso conversar. É necessário criar algo a altura da Rodoviária, tem que ter mais vida, tem que ser ocupado culturalmente, para o bem estar daqueles que por ali transitam, ... ali tem que ser um espaço mais democrático. O sapateiro trabalha ali há quarenta anos, ele vê de tudo ali, ele conhece tudo e tem muita reclamação. Realmente me apaixonei por este espaço!"*

Na análise dos vídeos e suas transcrições foi possível observar a mudança de comportamento dos alunos com relação ao local, bem como a mudança de seus olhares sobre o cotidiano da Rodoviária. Ao conviverem com as pessoas, com os diversos personagens sociais, com as histórias de tantas e diferentes pessoas; foi perceptível a alegria dos alunos com esta interação. Faz-se necessário relatar como ouvinte/observador destes vídeos, que pela expressão se suas faces, pela entonação de suas vozes, pela alegria com que relataram suas idas e vindas para a realização das oficinas fotográficas na Rodoviária, que passaram por uma transição em suas personalidades. Agregaram uma percepção sobre a realidade social, sobre os nichos da sociedade, voltaram com um foco multifacetado de vida. Desta forma é fundamental corroborar com os autores Gardiner (2000) e Pais (2003a) quando afirmaram que os panoramas de abordagens sobre o cotidiano mostram diferentes perspectivas teóricas a partir das quais essa dimensão pode ser apreendida por meio do diálogo e interação com diferentes teorias e nichos sociais. Foi possível observar que o olhar sobre o cotidiano pode ser estimulado, estudado e também apreendido.

É crucial diante da análise, quanto à mudança do olhar dos alunos do projeto, após as oficinas práticas no Cenário da Rodoviária, aderir a Ramalho e Oliveira (2015) que chamou a atenção para o fato de que tudo começa no silêncio do olhar, com o destinatário

diante de uma foto, a qual encerra tudo que ela pode te passar - algo além do mundo físico. A arte da fotografia pode tanto nos mostrar a nossa própria realidade quanto a de outros povos, culturas, sociedades distantes. Como o conhecimento de outras linguagens, tal qual a literatura, o teatro e outros sistemas estéticos, quanto mais referências linguísticas estiverem presentes nos processos educacionais, melhor para aprimorar e expandir o conhecimento.

Segue abaixo as transcrições quanto ao quesito: “ **Como o projeto contribuiu para sua formação profissional e para sua vida? O que mais aproveitou no projeto?** ”

Anastácia: “A questão de pegar numa câmera e aprender a manusear. Isto tem importância para mim. Não tanto profissional. Em certa instância, um pouco profissional, pois fotografia dá um certo dinheiro, mas tem uma relação para mim, de ver quão maravilhoso é ... você captar um momento com uma câmera, naquele momento. É importante para mim! Ficou claro para mim. Mudou minha perspectiva, ... a perspectiva que eu tinha de fotografia, ficou completamente diferente .”

Solange: “Eu aproveitei bastante a experiência de estar em grupo. Vários fotógrafos, porque eu já trabalho com fotografia ... eu já tinha uma experiência com fotografia, mas nunca tinha participado de projeto cultural, e isso foi muito enriquecedor. Abriu um outro leque de visão.”

Maria Eduarda: “Foi o aprendizado mesmo de manusear a câmera e ir lá, de fotografar, conhecer e como experiência profissional... tem como no Conecta, ficar lá sentada observando as pessoas na Mostra fotográfica, chamando as pessoas, conversando com elas, ...porque eu era muito tímida e agora eu estou aprendendo mais a começar por tudo”.

Lua: “Aproveitei as aulas, o treinamento das técnicas fotográficas nas oficinas. Aprendi a fotografar e ... agora mesmo vou fotografar o aniversário da minha prima e ... isso me ajudou muito profissionalmente.”

Filósofo Vitorioso: “ Após totalmente diferente. Antes tinha visão de passagem, agora é quase que completa. Sai outra pessoa do projeto, né?... falta algo ainda... quase completo.”

Antônia: “O projeto desencadeou uma vontade mais forte de se tornar um fotógrafo. Explorar este olhar tão diferenciado do fotógrafo que pode ser um agente social.”Que mais? ... sim, mudou o olhar, a ter mais percepção das coisas, a ter um olhar mais profissional. Eu queria fazer um curso de fotografia... agora me interessa mais ainda.”

Sofia: “Estou no sétimo semestre de Literatura em Dança e essa movimentação das pessoas, os gestos, os pequenos detalhes, os personagens ilustres da Rodoviária . Isso me chamou muita atenção e mudou meu olhar como profissional... assim, de olhar os detalhes de quem você é e não só de vamos fazer tal coisa, vamos executar tal passo. É e eu penso agora nas histórias , o caminho que você tem, não só o que você tem de qualidades específicas para minha área, mas os detalhes que você tem a sua história, a sua vida.”

Aquarela: “ Então... eu aproveitei de tudo no projeto, a experiência com as pessoas,

com o grupo... que foi muita gente. A professora, de olhar para a Rodoviária com um novo olhar, de perceber as pessoas que estão ali ... que a gente passa normalmente na correria e não percebe quem tá ali ao nosso lado, para receber uma ajuda.. Então... eu acho que isso a gente tem que levar para a nossa vida, o que a gente aprendeu lá, nos pequenos detalhes, com as coisa que estava bem na nossa cara e a gente agora conseguiu enxergar... então isso a gente tem que levar para o resto (frisou a palavra) das nossas vidas.”

Valentina: “Aproveitei o curso de fotografia e manusear a câmera com técnica.”

William: “Na questão da exposição, onde as pessoas olhavam e tinham a percepção da Rodoviária, onde eu pude abrir os olhos dessas pessoas que olhavam... Para minha vida levo que a Rodoviária é muito mais do que pensava... onde há diversidade de pessoas... hum... que eu conseguia ver. Hoje em dia, tenho vontade de participar de outros cursos de fotografia e fazer parte de experiências maiores com relação à fotografia, documentários... é... eventos maiores neste sentido.”

João: “Tive uma experiência muito boa, além de fotografar, o de gravar, aprendi sobre a importância do áudio na gravação... também de estar ali, fazer o melhor que a gente pode com um bom equipamento e ... ficou ainda muitos ruídos, então o negócio do microfone é muito importante ... e o olhar ali... o olhar ali é muito importante para o fotógrafo, para ele registrar , porque são vários ângulos, procurar encaixar algo que o identifique é muito importante, fiquei feliz com os resultados.

Avaliar as respostas deste quesito, foi como mensurar a qualidade das oficinas, do processo ensino-aprendizado que busca resultados, do projeto como um todo. As narrativas dos alunos mostraram satisfação com o projeto, o quanto e o como o projeto contribuiu para suas vidas. Este contentamento com projetos de extensão envolvendo fotografia já foi encontrado por outros autores (SCHEIDEMANTEL, KLEIN e TEIXEIRA, 2004; RODRIGUES et. al, 2013), e coloca a fotografia como um excelente recurso didático para suscitar crescimento, em diferentes aspectos no processo educacional.

Em seus pronunciamentos quanto ao assunto **“O projeto abriu novos horizontes para você? Em caso positivo. Quais? Ou Em caso negativos. O que faltou?”**. Segue abaixo seus relatos:

Anastácia: “Sim. (Entonação forte). Acabei de ganhar um ‘Hobby’ maravilhoso ... por conta deste projeto. Não houve ponto negativo, Graças a Deus! Foi tudo aprendido e alegria. Valeu demais!

Solange: “Sim. Vários. Várias experiências .. além de melhorar o olhar .. ficou mais clínico. Melhorou bastante com a interação com o grupo. Não houve nenhum ponto negativo.”

Maria Eduarda: “Sim agora eu tenho um novo olhar”.

Lua: “Abriu novos horizontes profissionais. Com certeza.”

Filósofo Vitorioso: “Saí outra pessoa mesmo deste projeto ... aproveitei mesmo, foi uma questão da técnica... eu nunca tive noção de fotografia, de filmagem de estar presente

num 'set' ... Então foi minha experiência com isto... então espero que seja o primeiro passo de muitos que eu vou dar neste segmento. Para minha vida levo a história de todas as pessoas né? ... das dificuldades, das coisas que a gente vê, então... para minha vida levo esta sensibilidade que o projeto me trouxe, né? ... uma cosmovisão diferente do local e das pessoas, né?, ... porque tipo... cada pessoa tinha uma forma de olhar para você. Um que olhavam e achavam que a gente era importante, outros confundiam a gente com a AGEFIS (Agência de Fiscalização), então eu levo assim, ... saio do projeto completamente diferente, tipo... uma pessoa mais aberta ... Com certeza saio mais aberto no segmento áudio visual, social, em todas estas vertentes o projeto me mexeu comigo ... eu me envolvi muito e foi maravilhoso. Eu espero que o coletivo continue com quem quer continuar, com superação, com esforço, com as pessoas que queiram se doar de verdade, "dar o seu 'bacon', com mudanças positivas. Faltou produto final no documentário... pelo tanto que dedicamos merecíamos mais... faltou técnica adequada e equipamento para o documentário."

Antônia: "Melhorou meu olhar, humanizou."

Sofia: "Sim, nesta perspectiva de um novo olhar. Pontos positivos de perceber que eu estou muito só na minha área eu peguei esta experiência para minha vida, muito para minha área, de não ficar presa nestas caixinhas, de ter expansão fora também. Ponto negativo... faltou um pouco de empenho meu."

Aquarela: "Com certeza, melhorou minha técnica fotográfica, meu olhar sobre o cotidiano, sobre os fatores sociais, me deixou mais analítica ... e ... e deu vontade de participar de outros ensaios neste assunto... foi muito positivo ... em muitos aspectos, ... aprendi fotos melhores, a convivência com os amigos, de perceber a dificuldade do outro, de perceber histórias incríveis que tinham ali no momento que estávamos gravando os vídeos, tirando fotos ... não só de ir ali para tirar fotos, mas de perceber o que a pessoa vai te dar de informação ... para você carregar por toda nossa vida. Escutei histórias incríveis, que vou levar por toda minha vida ... Tudo... tudo foi conhecimento. Não houve nada ... que possa dizer que foi negativo."

Valentina: "Hoje, eu me vejo muito na fotografia... algo encantador. O olhar mudou para melhor... mais perspicaz... (risos)."

William: "Sim de estímulo... é ... hoje em dia, tenho vontade de participar de outros cursos de fotografia e fazer parte de experiências maiores com relação a fotografia, documentários...é... eventos maiores neste sentido, dar continuidade... de continuar. Acho que este projeto vai render muito mais. Saímos do simples oficina e conseguimos fazer uma exposição, num evento grande e ser elogiado por um projeto que a gente realizou."

João: Sim, muito, melhorou o olhar,... as fotos que fiz lá me deixou encantado ... porque eu vi o reflexo do imaginário de cada um ... sempre qualquer aprendizado aperfeiçoa o fotógrafo, melhora a técnica... alarga os horizontes e colabora profissionalmente ... agora ... o ponto negativo que vi ali foi acho que ... não nosso, mas com relação ao abandono do Estado com aquele Espaço". Um espaço que pode ser muito utilizado de modo bastante

democrático e diversificado, gerando benefícios,... cultura, ... bem estar para quem o utiliza ou passa por ali.

Ficou evidente que projeto de extensão colaborou para desenvolver um olhar mais humanizado nos alunos. É inegável que cidadãos mais humanizados têm um maior engajamento social e tornam-se mais reflexivos, atuantes e conscientes quanto às falhas do Estado. Desta forma, serão mais efetivos nas reivindicações de seus direitos, da necessidade de conservação e cuidado dos bens públicos pelos governantes e população. Isto conduz a uma democracia verdadeira. Estes achados confirma os dizeres de Ramalho e Oliveira (2015), que viu na fotografia uma forma de expansão de novos horizontes para vidas, podendo propiciar articulação com outros saberes.

No quesito, “Qual imagem o projeto deixou em você? Defina a experiência vivida no projeto com uma única palavra: Segue as transcrições:

Anastácia: “Experiência.”

Solange: “Experiência mesmo ... a palavra é: Aprendizado”

Maria Eduarda: “Satisfação.”

Lua: “Ah! ... Contemplação.”

Filósofo Vitorioso: “Estou em dúvida entre aprendizado e superação, mas eu colocaria ‘aprendizado’.”

Antônia: “Satisfação.”

Sofia: “Uma só palavra, ... Hum!!! ... bem difícil, ... talvez ... ‘Percepção’.

Aquarela: “Encanto.”

Valentina: “Encantador.

William: “(O aluno pensa)... Despertar?... Despertar da curiosidade? ... é ... **DESPERTAR** (O aluno pronunciou a palavra em sílabas separadas, pausadamente).”

João: “Encantamento.”

Na análise dos dois quesitos anteriores, faz-se pertinente uma releitura de ambos, das declarações acima citadas. Elas são auto indutivas. Não precisam ser interpretadas, mas sentidas. Cabe aqui uma reflexão sobre o papel de cada um no processo educacional. O estímulo de quem coordena é impulsionar e dar alternativas. A adesão, o ‘abraçar a causa para obter bons resultados’ é de cada um dos membros participantes, mas o sucesso e ganho de qualquer projeto comunitário/ social (finalidade dos projetos de extensão extramuros) será coletivo.

E finalmente, quando foram abordados com o estímulo “**Agora deixamos a palavra para você falar e completar o que quiser em relação ao projeto**”. Segue seus discursos:

Anastácia: “Experiência para a vida, porque a gente tá ali, ... experimenta aquilo ali, reconhece de uma outra forma, aquilo muda você e se você muda ... você consegue mudar várias coisas. Este projeto tem esta capacidade. A gente teve problema, mas a gente estava sempre ali ... ganhando aquela experiência e aquele trabalho ... e ... vencemos! É incrível!

(pronunciou entusiasta), é a marca que ele deixa ... é isto, é a experiência de ter, aprender e vencer as coisas ... mesmo todo mundo dizendo que não vai dar certo ... para provar que as pessoas estão erradas.”

Solange: *“Eu fiquei muito feliz em participar do projeto. O projeto me ajudou muito, como eu falei ... e é isto.”*

Maria Eduarda: *“O projeto para mim foi muito gratificante, conheci muitas pessoas, aprendi com as pessoas da Rodoviária, que moram lá. A experiência delas mexeu muito comigo. Espero que o projeto vai para frente, que tenha continuidade, para não só eu aprender, mais outras pessoas também (aluna deu um largo sorriso)”.*

Lua: *“O projeto foi muito bom. Aprendi muitas coisas. Conheci muitas pessoas, histórias ... só isto.”*

Filósofo Vitorioso: *“Eu espero que o coletivo continue, mas continue com quem quer continuar, porque é um trabalho que exige superação. A gente ia gravar lá sem almoçar, tinha um esforço. Fazer uma seletiva com quem se doar e que venha mudanças para melhor.”*

Antônia: *“O projeto me fez muito bem. Tinha muita vontade de aprender a fotografar. Ele me desenvolveu, fortaleceu ainda mais a vontade de persistir no ramo da fotografia.”*

Sofia: *“Aí! Acabou?... (Risada)... não sei foi uma experiência muito boa estar aqui com você ... esta troca que tive durante este tempo... é isso gostei muito de estar aqui.”*

Aquarela: *“Então ... eu tenho muito a agradecer as pessoas que estavam lá, com a gente, que foram, que participaram, à professora pela iniciativa de começar este projeto, e... e... esta questão de valorizar, porque cada pessoa que passar ali, pode valorizar o outro, o que está do lado dele, porque às vezes a gente não dá a mínima importância para quem está ali com a gente, passando do nosso lado, é ... é ... ‘enxergar além do que se vê’. É como as pessoas costumam falar (A aluna deu um grande sorriso).”*

Valentina: *“Foi um projeto que eu não esperava, caiu na minha vida. Abriu oportunidades, eu aproveitei. Gostei da experiência com as pessoas e a fotografia mesmo.”*

William: *“Com este projeto a gente aprendeu a focar numa câmera e de focar uma câmera conseguimos fazer com que as pessoas focassem a realidade de uma coisa que elas não enxergavam. Elas focavam... olhavam, mas não enxergavam o que estava por trás da realidade ou imagem. Houve um foco de detalhes... Isso... é isso.”*

João: *“Acho que as perguntas do seu questionário, da sua entrevista, foi muito completa, me conduziu, me deu condição de expressar tudo que pensei e penso do projeto, ela foi muito bem bolado, ... então só completando, eu acho que isto, o que já foi realizado, é um passo para muitas coisas. Na torcida, para que ele continue e bem.”*

É importante, neste momento, referir Sousa (2000), que salientou a importância social da universidade como colaboradora ativa para diminuição das grandes mazelas sociais. A Academia pode e deve ter ação participativa na vida comunitária. É possível, planejar e executar atividades de extensão respeitando e não violando os valores e cultura

dessas comunidades. Os benefícios são expressivos para os alunos ao conhecerem a realidade da comunidade. Este intercâmbio facilita a integração ensino-pesquisa-extensão. Fornece ao universitário uma maior contextualização do meio em que vive. Desencadeia nos estudantes um olhar mais sensível para causas sociais mais amplas. Ao analisar o todo do presente estudo, foi perceptível a mudança de olhar dos alunos participantes, a condução de seus pensamentos para as causas sociais. Ficou claro o papel do projeto de extensão e da fotografia como grandes coadjuvantes de integração do acadêmico com a comunidade. Ambos podem ser utilizados como metodologias ativas para conectar áreas distintas da ciência, fortalecer a interdisciplinaridade e suscitar no aluno mudança de olhar.

5 | CONCLUSÃO

O presente relato expôs uma experiência que mostrou que a tríade - ensino, pesquisa e extensão - pode ser um excelente recurso didático e produzir resultados significativos. Pela análise das transcrições dos relatos dos alunos participantes do projeto, conclui-se que o projeto de extensão - “A representação fotográfica como reflexo do imaginário social dos centros urbanos.” foi efetivo para a mudança de olhar dos alunos quanto o imaginário social dos centros urbanos.

Como considerações finais, é fundamental deixar o fechamento do próprio grupo participante (alunos e coordenadora do projeto). Em suas considerações sobre a experiência vivida e a respeito do trabalho realizado, cada aluno trouxe seu sentimento, seu olhar sobre tudo que abstraíram do projeto. Chegaram à conclusão que, por meio de uma pequena intervenção universitária, do ensinamento de uma técnica de manusear uma máquina fotográfica aliada à observação de um espaço público, suscitou nos alunos e coordenadora a importância que tem o olhar sobre o cotidiano e um registro por meio de imagens.

Este registro imagético dos momentos, da essência, de um olhar mais apurado, diz, de maneira significativa sobre os momentos de um local, dos que ali trabalham ou passam, da cultura de um povo, de como esse povo vive, de uma cidade, entre outros aspectos. Com certeza o registro fotográfico, congela o tempo e perpassa para o futuro. Também refletiram sobre este momento, com o máximo e o mínimo de seus sentimentos. Ponderaram sobre as pessoas que passam, sobre quem fotografa, com a intenção de deixar este processo para o futuro, desencadeando e acentuando o olhar social sobre o cotidiano social. Comentaram que as novas tecnologias, a internet, o armazenamento em nuvem, possibilita registros mais efetivos, permitindo ao fotógrafo congelar o tempo e possibilitar documentação para as gerações futuras.

De acordo com os participantes deste belo projeto, para o “Coletivo Fora do foco” ficou algo de “coletividade” mesmo, para cada um deles e para o Instituto Federal de Brasília (IFB). O projeto e sua vanguarda podem ser passados para outros alunos, outras pessoas,

desencadeando outros projetos, com diferentes olhares. Neste momento, foi a Rodoviária, em outra ação; pode ser um olhar sobre o transporte público, sobre a alimentação fora de casa, ou ainda a respeito da qualidade de ensino, sobre eventos e ocupação dos espaços públicos de lazer; enfim, uma infinidade de olhares pode ser fotografada, filmada e documentada.

Evidenciar e destacar o lado social traz democratização do saber e pode desencadear uma visão mais ampla de vários personagens de qualquer processo sócio, econômico e cultural de uma civilização. Como uma árvore muito grande, cheia de galhos e ramos (vertentes), o projeto abriu sua copa para que muitos outros frutos sejam produzidos, com vistas à inclusão de mais pessoas e olhares para participar deste coletivo, fomentados com grandes mostras fotográficas e expressivos documentários.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. "Pequena história da fotografia". In: _____. Obras escolhidas. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL, L. K. Tempos modernos: fotografia e imaginário social, *Historiæ*, v. 2, n. 1, p. 37-48, 2011.

CARTIER-BRESSON, H. O Imaginário segundo a natureza. Trad. Renato Aguiar. 1ª edição, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2004.

CARVALHO, V.C; LIMA, S. F.; CARVALHO, M.C.R.; RODRIGUES, T. F. Fotografia e História: ensaio bibliográfico. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Ser. v.2, p. 253-300 jan./dez. 1994.

CIAVATTA F. M. *O mundo do trabalho em imagens - A fotografia como fonte histórica (1900-1930)*. Rio de Janeiro: DP & A / FAPERJ, 2002.

COUTINHO, M. C.; OLIVEIRA, F.; SATOB, L. Olhar o cotidiano: percursos para uma psicologia social do trabalho. *Psicologia USP*. v. 27, n. 2, p. 289-295, 2016.

DE SOUZA, A. C.; LOPES, G. S. C.; PIERE, R.; MASTELLA, M. A.; SANTOS, A. P. S.; LUCA, J. P. Extensão universitária: capacitação empreendedora de jovens e adolescentes para a geração de trabalho e renda em uma instituição do terceiro setor. *XI Colóquio Internacional Sobre Gestão Universitária na América do Sul/ II Congresso Internacional IGLU "Gestão Universitária, Cooperação Internacional, Compromisso Social", Florianópolis, 7 a 9 de dezembro de 2011*. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/32862/8.11.pdf?sequence=1>, acesso em 9 de outubro de 2017, às 16:05 h.

DUBOIS, P. O ato fotográfico e outros ensaios. 3. ed. Campinas, São Paulo: Prós, 1999.

ENTLER, R. A fotografia e as representações do tempo. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 14, p. 29-46, dez. 2007.

GARDINER, M. E. (2000). *Critiques of everyday life*. Londres, UK: Routledge.

KAWAKAMI, T.T.; VEIGA, A. I. M. Popularização da fotografia e seus efeitos: Um estudo sobre o a disseminação da fotografia na sociedade contemporânea e suas consequências para os fotógrafos e suas produções. *Projética Revista Científica de Design*, v. 3 n.1, Julho, 2012.

KOSSOY, B. Origens e expansão da fotografia no Brasil: século XIX. 1ª ed., Rio Janeiro: Editora Funarte, 1980.

KOSSOY, B. Fotografia & história. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

KOSSOY, B. Realidades e ficções na trama fotográfica. 4ª ed., São Paulo, Cotia: Ateliê Editorial, 2009, 152p.

MENDONÇA; S.G.L.; SILVA, V.P. “Extensão Universitária: Uma nova relação com a administração pública.” In CALDERÓN, A.I. e SAMPAIO, H. (orgs) Extensão Universitária: ação comunitária em universidades brasileiras. São Paulo: Olho d’água, 2002, p. 29-44.

MONTEIRO, Rosana Honório. Arte e ciência: um estudo em torno da descoberta da fotografia no Brasil. *Estudos Históricos*, n. 34, 2004.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 28, 2003.

_____. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003a.

RAMALHO e OLIVEIRA, S.R.RE; BECHTOLD, L. P. Sinestesia a partir do olhar. *25º Seminário de Iniciação Científica (25 SIC UDESC)*, Universidade do Estado de Santa Catarina, 2015. Disponível em: http://www1.udesc.br/arquivos/id_submenu/2256/56.pdf, acesso em 09 de outubro de 2017, às 16:35.

RAMOS, M. M. Fotografia e arte: demarcando fronteiras, *Contemporânea*, n. 12, p. 129-142, 2009.

RODRIGUEZ, A.; CRUZ, A. C. D.; ARAGÃO, C. O. M.; MELÍCIO, T. Olhares sobre a favela: intervenção junto à Escola de Fotógrafos Populares da Maré. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, v.15, n. 3, p. 107-107. São Paulo, SP, set.-dez. 2013.

ROUILLÉ, A. A fotografia: entre documento e arte contemporânea. 1ª ed., São Paulo: Editora Senac, 2009.

SCHEIDEMANTEL, S. E.; KLEIN, R.; TEIXEIRA, L. I. A Importância da Extensão Universitária: o Projeto Construir. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrent/Direitos/Direitos5.pdf>, acesso em 09 de outubro, de 2017.

SOUSA, A. L. L. A história da extensão universitária. 1ª. ed. , Campinas: Editora Alínea, 2000. 138 p.

STECNELA, N. O cotidiano como fonte de pesquisa nas ciências sociais. *Conjectura* , v. 14, n. 1, jan./maio, p. 63- 75, 2009.

TENÓRIO, G. S. Ao desocupado em cima da ponte. Brasília, arquitetura e vida pública. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2012. 377p, disponível em: http://fredericodeholanda.com.br/orientacoes/doutorado/2012_TenorioGabriela_ao_desocupado_em_cima_da_ponte.pdf, acesso em 30 de setembro de 2017.

ZAMORA, M. H. (2004). Raízes e asas da psicologia comunitária. In J. Vilhena (Org.). A clínica na universidade. *Teoria e prática*. Rio de Janeiro: Editora PUC- RIO Loyolla, 2004.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração de empresas 9, 56, 233

Ambiente de contratação livre de energia 9

Animais 1, 4, 5, 7, 173, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189

Animais domésticos 173, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188

Atores políticos 173, 174, 175, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187

Auditoria 246, 247, 249, 252, 253, 255

B

Bem viver 38, 54

Brasil 3, 4, 5, 7, 9, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 46, 47, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 88, 89, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 113, 116, 118, 121, 125, 128, 130, 131, 132, 135, 137, 140, 145, 146, 147, 148, 149, 152, 155, 160, 161, 163, 164, 168, 171, 172, 175, 187, 188, 192, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 211, 212, 216, 219, 220, 224, 225, 241, 244, 245, 247, 248, 249, 254, 255, 256, 258, 259, 261, 262, 263, 264, 272

C

Capital humano 59, 60, 61, 62, 70

Cemig 13, 21, 22, 23, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171

Centros urbanos 190, 192, 193, 195, 196, 198, 199, 210

Cidade i-mobilizada 214

Comércio eletrônico 226, 227, 229, 230, 231, 232

Contexto online 226, 227, 229, 230, 231, 232

Contornamento territorial 214, 215, 219, 222

Covid-19 235, 236, 241

Crescimento 1, 3, 4, 5, 6, 7, 53, 62, 63, 68, 69, 71, 88, 89, 90, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 195, 206, 231, 240, 245, 263

D

Desemprego 40, 45, 48, 55, 57, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 111, 239, 240, 241, 243

Desenvolvimento 1, 3, 5, 7, 10, 14, 35, 37, 38, 40, 41, 43, 47, 48, 55, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 65, 66, 68, 70, 71, 103, 121, 137, 146, 147, 168, 190, 191, 192, 194, 195, 197, 226, 227, 229, 235, 236, 240, 244, 247, 248, 249, 250, 251, 258, 260, 262, 263, 272, 273, 274

Diversificação 1, 2, 194

E

Economia solidária 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58

Eletricitários 162, 167, 170, 171

Emprego 39, 44, 50, 53, 54, 90, 94, 101, 103, 116, 143, 162, 163, 171, 172, 202, 203, 235, 236, 238, 240, 241, 244, 245

Equação estruturada 130

F

Flexibilização trabalhista 88

Fotografia 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212

G

Gênero 38, 52, 140

Gestão empresarial 71, 120, 127

Gestão energética 9

I

Imaginário social 190, 192, 193, 195, 196, 198, 199, 210, 211

Informação étnico-racial 256, 257, 258, 259, 260

Inovação 52, 62, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 184, 185, 186, 187, 188, 230, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 245, 251, 262, 263, 266, 267, 270, 271, 272, 273, 274

Instrumento 2, 41, 43, 48, 59, 61, 64, 91, 103, 107, 110, 112, 120, 121, 122, 127, 137, 141, 191, 192, 193, 233, 264, 267

Inteligência artificial 236, 242, 244, 245, 246, 247, 250, 251, 252, 253

J

Judiciário 55, 106, 107, 113, 114, 115, 116, 117

M

Mercado laboral 72, 73, 78, 81, 83, 85, 86

Modo de produção 38, 39, 40, 41, 43, 44, 52, 53, 55, 58

Monitoramento 10, 35, 186, 188, 196, 246, 247, 249, 250, 252, 253

Mototáxi 214, 219, 220, 221, 222, 225

O

Olhar fotográfico 190, 193, 194, 197, 200

P

Pandemia 52, 235, 238, 241, 244
Papel educativo da biblioteca 256
Perícia criminal 262, 263, 272, 274
Planejamento 47, 60, 67, 68, 120, 121, 122, 125, 127, 128, 133, 148, 188, 260, 263
Plano de negócios 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129
Políticas inovadoras 173, 174, 175
Pós-democracia 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 116, 117
Precarização 90, 111, 116, 158, 162, 163, 165, 171, 172
Previdência social 90, 153, 154, 156, 157, 158
Profesión 72, 73, 74, 75, 76, 78, 80, 85, 86

Q

Questionário 122, 129, 131, 137, 138, 140, 141, 179, 209, 262, 264, 273

R

Readaptação/Reabilitação 153, 154, 158, 159, 160
Recessão econômica 88, 90, 95, 101, 102, 103
Redução de custos fixos 9
Reforma trabalhista 88, 89, 95, 97, 99, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 113, 114, 116, 117, 118, 119
Regiões 1, 2, 3, 7, 12, 168, 188, 192
Regressão 1, 3, 12
Relato de experiência 190, 197
Remuneração por desempenho 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149
Revolução industrial 235, 236, 237, 238, 242, 244, 247, 251, 252, 255

S

Semi-profesión 72
Sobrecarga de informações 226, 227, 228, 230, 231, 232, 233

T

Tarifas de energia 9, 13, 15, 31, 36
Terceirização 162, 163, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172
Trabajador social 72, 73, 74, 76, 81, 85
Trabalhadores 41, 44, 45, 48, 89, 90, 92, 101, 102, 111, 112, 113, 116, 117, 131, 153, 156,

157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 192, 195, 236, 237, 240

Trabalho 1, 2, 3, 9, 12, 13, 15, 16, 17, 32, 33, 34, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 70, 71, 88, 89, 90, 96, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 142, 143, 145, 147, 149, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 184, 187, 188, 196, 197, 198, 200, 201, 205, 208, 209, 210, 211, 215, 216, 220, 221, 224, 228, 233, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 249, 253, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 267, 270, 271, 273, 274

Treinamento 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 205, 249, 267, 273

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Desafios das

CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

no desenvolvimento da ciência

2



🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Desafios das

CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

no desenvolvimento da ciência

2

